

TIM
HECKER

Música x



+

THE
KONOYO
ENSEMBLE

KONOYO

PRIMEIRA PARTE
KARA-LIS COVERDALE

4 OUT
QUI 21:00
Grande Auditório
M/6

The Culturgest season opens with due pomp and circumstance, paying tribute to the new work by Tim Hecker, after the celebration of his *Love Streams*, in 2016. There is a new and marvellous music in the offing and we will have the great privilege of being able to listen to it at its European premiere in our Main Auditorium. This concert will also bring with it an important novelty in the live performances of the Canadian musician: on stage, an ensemble composed of Kara-Lis Coverdale (who opens tonight and introduces *Konoyo*), and musicians from the gagaku ensemble Tokyo Gakuso, revealing where Tim Hecker obtained the raw material and inspiration for *Konoyo* and creating a unique emotional bridge between two so distinct cultures and times. Tim Hecker's ambient supermachine has shortened distances and created a majestic hybrid that not only acknowledges the delicate and complex side of the Gagaku instrumentation from the Japanese court but also creates the total abstraction that customarily lives inside the tumult of his own high-pressure electronics. This is not the first time that Hecker has tested his limits; but it is the first time that we have glimpsed the magnificent body of their existence.

COMPUTADOR, ELETRÓNICA
 Tim Hecker
 SINTETIZADOR, COMPUTADOR
 Kara-Lis Coverdale
 HICHIRIKI
 Motonori Miura
 RYUTEKI
 Manami Sato
 SHŌ
 Fumiya Otonashi
 TÉCNICO DE LUZ
 Darren Johnston
 TÉCNICO DE SOM
 Chris Fullard

APOIO

 ANTENA 3



Kara-Lis Coverdale

Elogiada pelo jornal The Guardian como sendo uma das mais interessantes compositoras do norte da América, Kara-Lis Coverdale tem ganhado um merecido reconhecimento feito à custa de uma pequena mas impressionante discografia: *Aftertouches* de 2015 ou *Grafts* de 2017, os seus dois álbuns mais recentes, são duas obras de design sonoro raro que conquistaram elogios e visibilidade. Pianista de formação clássica, a canadiana tem invadido terreno na eletrónica procurando-a nos locais certos, como em residências nos estúdios GRM de Paris, no EMS de Estocolmo e no centro Oboro de Montreal.

Motonori Miura

É o líder do Konoyo Ensemble que acompanha Tim Hecker neste seu novo trabalho e digressão. Mestre em hichiriki – instrumento de sopro de duas palhetas –, licenciou-se em música gagaku pela Universidade de Belas-Artes e Música de Tóquio, estudando também dança e música ancestrais japonesas. É membro dos coletivos Tokyo Gakuso e Pro Musica Nipponia, tendo fundado o ensemble Group 4. Para além da intensa agenda de concertos, dentro e fora do Japão, é professor de gagaku na universidade onde se licenciou. Participou nas gravações de *Konoyo* em 2017.

Darren Johnston

Coreógrafo, artista sonoro e visual, com múltiplos prémios na sua carreira, Darren Johnston tem exposto o seu trabalho em galerias de arte, grandes salas de teatro, espaços exteriores e site-specific. Com Tim Hecker colaborou previamente em 2017 para a produção de *Zero Point*, no Barbican, em Londres, cruzando imagens digitais produzidas por tecnologia de captação de movimentos, captadas em residência artística em Kochi, Japão. Este trabalho focou-se no conceito de ponto zero, mergulhando em espaços cerimoniais sagrados, rituais ancestrais e na ideia oriental de renascimento, temas centrais que estão agora no âmago de *Konoyo*.

Chris Fullard

Técnico de som britânico habituado a cumprir cadernos de encargo exigentes, ou não fosse um nome que habitualmente está encarregue de controlar o poder sonoro dos Autechre ou Sunn o))). Foi, recentemente, o homem do leme para Tim Hecker nas generosas salas do Barbican de Londres e Haus der Kulturen der Welt de Berlim, e tem acompanhado a discografia dos noruegueses Ulver ou do trio internacional Nazoranai (de Oren Ambarchi, Keiji Haino e Stephen O'Malley).

O MUNDO AQUI

Em 2018, o grupo Tokyo Gakuso cumpre 40 anos de vida. É um currículo invejável, mas também um pedaço pequeno de calendário tendo em conta a tradição que decidiram abraçar em 1978. A música gagaku, ou música de corte imperial, tem sido a música tradicional clássica japonesa durante muitos séculos, fazendo ainda hoje parte das cerimónias oficiais do Palácio do Imperador. Estas festividades ancestrais que também incluem dança, remontam ao começo da dinastia de Quioto e fazem do ensemble imperial o mais antigo agrupamento musical do mundo em atividade, uma fabulosa cápsula do tempo com mais de mil anos. Tokyo Gakuso é nos dias de hoje um dos vários coletivos existentes que se dedicam à exibição desta história fora do contexto formal, possibilitando ainda a abertura do género à criação de composições contemporâneas.

Toru Takemitsu (1930-1996) foi um dos grandes nomes a tornar amplamente audível a música tradicional japonesa ao incluí-la nas suas composições: em 1973, Takemitsu assume integralmente com *In an Autumn Garden* a herança gagaku, escrevendo para esta instrumentação uma peça lindíssima que tanto evoca a sua herança como parece dar-lhe um respiração moderna e de vanguarda. Foi o primeiro compositor japonês a ser reconhecido e aceite no ocidente – pelo público, pela crítica e também por outros compositores e maestros. Em 1957, Takemitsu estreou um requiem em homenagem a Fumio Hayasaka (1914-1955), igualmente compositor, falecido prematuramente com 41 anos. Hayasaka foi, essencialmente, um compositor

para cinema, com relações muito próximas e regulares com os realizadores com quem trabalhava. O seu profundo interesse pela arte oriental fez conectar-se com o gagaku sem que nunca abandonasse a música ocidental; encontrou pontos de contacto, especulou pontos de origem, e dedicou-se a tentar formar os seus, honrando ambos os contextos. Filmes marcantes do cinema mundial, como *Os Sete Samurais* ou *Rashomon* de Akira Kurosawa, bem como *Os Amantes Crucificados* ou *Contos da Lua Vaga* de Kenji Mizoguchi, têm música gloriosa de Hayasaka e ajudaram o ocidente a compreender alguns dos gestos e perfumes que a música ancestral japonesa e o gagaku em particular têm.

Para ouvidos com vivência ocidental, a música gagaku exerce um poder encantatório, pleno de lentos lamentos e ornamentos, que parece circular sem destino numa elipse de tempo suspenso. Afinal, foi elaborada para decorar o dia a dia e as diversas funções imperiais, crescendo por entre silêncios e ramificando-se como se fosse a mais bela das naturezas, imparável e complexa. Tim Hecker tem sido um atento observador do mundo, das suas múltiplas cores e de como elas transmitem a história. A sua discografia, iniciada no início do século, tem demonstrado álbum após álbum como parte do nosso mundo vai entrando no dele, para que depois seja sujeito à sua leitura e interpretação, como alguém que reproduz uma paisagem num quadro ou uma figura numa escultura. Brilhantemente, Hecker fá-lo com música eletrónica, muitas das vezes abstrata, onde a transformação radical das suas fontes sonoras nos atiram para bem longe das zonas de segurança. Se Jetone, o primeiro nome artístico oficial, simboliza a sua entrada na música, com dois álbuns relativamente imbuídos pelas correntes dominantes – o techno polido pela eletrónica dos anos 90, nas suas vertentes dub ou ambiental –, a sua estreia em nome próprio, com *Haunt me, haunt me, do it again*, de 2001, parece indicar de imediato algumas das direções que exemplificam, até hoje, o caminho da sua música: pelo lado simbólico, palavras como “tundra”, “arctic” ou “boreal” nomeiam alguns dos temas, antecipando viagens, paisagens e retratos; pelo lado sonoro, é o início fulgurante de um trabalho minucioso que começa a demonstrar o pesado processamento digital (e não só) que efetua e fará parte de uma estética de “costuras visíveis” herdada da corrente “clicks & cuts” dos anos 90. *Radio Amor*, o segundo álbum, de 2003, na (então) poderosa Mille Plateaux, coloca o seu nome nas primeiras páginas com uma obra imensamente pictórica, deliciosamente

melódica, onde ondas de som criam uma maré constante que rarefaz a música, como algo belo mas profundamente frágil que se desfaz a cada audição. Nessa erosão, são os ruídos e as partículas parasitas que vivem nas crepitações e fissuras que elaboram a assinatura do autor, como um selo sonoro tridimensional que autentica uma obra. De 2001 até aos dias de hoje, este selo sobrevive inquebrantado, marcando indelevelmente uma dezena de discos e uma discografia exemplar que se interliga num corpo de trabalho coeso, mesmo quando a matéria prima é tão diversa ou os processos do trabalho são tão díspares. Tim Hecker olha para tudo como fonte de inspiração seja a música, músicos, arte visual, história, instrumentos ou geografia, por exemplo.

Ao vivo, já se sabe que a sua música muda porque o espaço muda, os processos alteram-se, e os detalhes de estúdio presentes num disco passam a ser outros quando confrontados com um público, com um sistema de som ou com a arquitetura de uma sala. O seu ambientalismo, texturado e caleidoscópico, adquire vida própria, recontextualiza-se e ocupa o espaço de um modo autoritário, crente na sua imposição, empurrando o silêncio para fora, assumindo que a pressão sonora se torna um elemento tão importante como a composição, como catalizador de um estado de hipnose e ascensão. Simula-se uma experiência religiosa embora dessacralizada. Ao jornal *The Guardian* afirmou que os decibéis induzem uma

espécie de Deus secular através do seu poder sónico. Um poder, como sabemos, extremamente afiado nas mãos de Tim Hecker, ou não estivéssemos a falar de alguém que estudou o suficiente desta matéria para se doutorar pela McGill de Montreal com tese em *Cultural History of Loud Music 1889-1930*. “Procuro modos como o volume e a intensidade sonora têm sido vistos como forças produtivas e generativas da sociedade”, explica o músico canadiano ao jornal da sua Universidade, para onde também lecionou. “Ou seja, olharmos para o som de uma maneira diferente daquela que é normalmente usada pelos trabalhos históricos, que é ouvi-lo como fonte de irritação e perturbação – ruído –, em oposição aos sons clássicos e convencionais. A maioria dos académicos focaram-se na contenção e redução do ruído, numa tentativa de o controlar. Estou, por isso, à procura de exemplos de como o ruído ou, de um modo geral, sons intensos, foram aceites como algo positivo ou generativo. Estou a recolher exemplos tais como sirenes de nevoeiro, que foram inventadas por pessoas que também inventaram aparelhos musicais. Interessa-me procurar ligações com os órgãos de tubos gigantes e coisas assim.”

O gagaku instigou em Tim Hecker outros sentimentos: da aceitação, da história, do silêncio, da simplicidade. Talvez o magnetismo comece pela escala pentatónica, enigmática e económica, abrindo hipóteses em oposição à nossa notação ocidental. *Konoyo* – que significa “o mundo aqui” – foi o resultado de inúmeras viagens de Tim Hecker ao Japão para ouvir e gravar música gagaku. Inspirado pelas conversas com um amigo já falecido sobre espaço negativo e da cada vez maior densidade banal da música, Tim Hecker viu-se profundamente atraído pela contenção e elegância da música que ouvia. “Quis resistir à tentação de sufocar a composição com camadas e camadas de texturas hiper-editadas, como se ajudasse a peça a ficar mais completa”, confessa Hecker sobre o seu tema *Keyed Out*. “Este tema é um linha de sintetizador solitária que se deteriora, refratada e isolada, tocada com um pequeno ensemble de música de corte imperial numa fria manhã de novembro cheia de cantos de pássaros”. Explicado assim, entendemos como *Konoyo* se ilumina da sua discografia e da sua restante música, como também parece abrir-se como poucas obras suas a um mundo novo que despertou novos gestos e diálogos, porventura uma espiritualidade nunca sentida até aqui. Poucos músicos eletrónicos tratam com semelhante respeito e inspiração a sua matéria prima. Que o mundo se abra na totalidade para si.



Brevemente

JAMES HOLDEN & THE ANIMAL SPIRITS

Música x

THE ANIMAL SPIRITS

7 NOV

QUA 21:00

Grande Auditório

M/6

MIDORI TAKADA

Música x

15 NOV

QUI 21:00

Grande Auditório

M/6

Culturgest